

COM MEUS PARES APREENDO MELHOR: UMA
PROPOSTA DE ENCONTROS DE EDUCAÇÃO
SOBRE DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS
COM MULHERES ADOLESCENTES EM
CONFLITO COM A LEI



ELIZA DA COSTA GUANDET
DANIEL CANAVESE DE OLIVEIRA



ELIZA DA COSTA GUANDET E
DANIEL CANAVESE DE OLIVEIRA

COM MEUS PARES APREENDO MELHOR: UMA PROPOSTA DE ENCONTROS
DE EDUCAÇÃO SOBRE DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS COM
MULHERES ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI.



PORTO ALEGRE
2020

O48c Oliveira, Daniel Canavese

Com meus pares apreendo melhor: uma proposta de encontros de educação sobre direitos sexuais e reprodutivos com mulheres adolescentes em conflito com a lei/Daniel Canavese de Oliveira e Eliza da Costa Guandet. - Porto Alegre: UFRGS, 2020.

24 p. : il.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-9489-227-0

1. Minorias sexuais e de gênero. 2. Direitos Sexuais e Reprodutivos. 3. Saúde da Mulher. I. Guandet, Eliza da Costa.

CDU 613.99

APRESENTAÇÃO

Esta cartilha surgiu como resultado do projeto do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) do curso de Bacharelado em Saúde Coletiva da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande Do Sul). O objetivo deste era reconhecer os conhecimentos e representações sobre sexualidade, corpo, direito sexual e reprodutivo das jovens, em conflito com a lei, atendidas no CASEF (Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino) que estudam na Escola Estadual de Ensino Médio Tom Jobim, no ano de 2019. Aqui serão apresentadas cinco oficinas realizadas com uma turma de meninas que cumprem medida socioeducativa nesta instituição, com idade entre 14 e 16 anos, vindas de diversas regiões do estado.

As jovens acolhidas no centro de atendimento socioeducativo da FASE (Fundação de Atendimento Socioeducativo) estão entre os segmentos mais vulneráveis da população, pois são privadas da convivência familiar e comunitário enfrentando uma série de outras privações de ordem material, social e afetivas que as acompanham ao longo de suas vivências.

A saúde sexual e reprodutiva das (os) jovens é moldada por suas vivências e percepções e está intimamente ligada aos vínculos que estabelecem nesta fase, o pertencimento social a família(1) e grupos influencia muito na construção dos comportamentos sexuais e tomada de decisões acerca deste tema.

A manifestação da sexualidade e os direitos sexuais e reprodutivos das jovens são direitos muitas vezes reprimidos nos espaços de institucionalização destas adolescentes, impactando diretamente na formas como estas estabelecem suas relações afetivas.

(1) "Evolução do conceito de família na doutrina e na jurisprudência." 21 mar.. 2018, <https://jus.com.br/artigos/64933/entidades-familiares-uma-analise-da-evolucao-do-conceito-de-familia-no-brasil-na-doutrina-e-na-jurisprudencia>. Acessado em 16 jan.. 2020.

Torna-se fundamental criar formas eficientes de aproximação com essas jovens abrindo espaços para a educação e promoção da saúde sexual e reprodutiva destas jovens, buscando garantir a autonomia de escolha, desenvolvimento responsável da sexualidade e conhecimento do próprio corpo, que leve ao reforço da auto-estima e aceitação das individualidades.

Pretende-se, com esta cartilha, colaborar com os (as) diversos profissionais, que atuam junto a essas (es) jovens, no estabelecimento de ações que impactem no desenvolvimento de atitudes saudáveis e responsáveis em relação a sua sexualidade reforçando a auto-estima destas (es). Apontando formas de trabalhar a saúde num conceito ampliado, permitindo a execução de ações coletivas que contemplem a proteção, educação e promoção à saúde. Enxergando a (o) outra (o) de forma mais acolhedora. Possibilitando o estabelecimento de vínculos, a escuta qualificada e por consequência, a produção de saúde; contribuindo para o bem estar de todas (os) as (os) envolvidas.



PERCURSO METODOLÓGICO

Essa atividade concebida como pesquisa-ação foi realizada por meio de interação direta, com as jovens que cumprem medida socioeducativa no CASEF (Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino), foi desenvolvido ao longo de cinco encontros. Este processo foi essencialmente educativo e colaborativo, oportunizando uma construção coletiva de conhecimento. Buscou-se conhecer os fatores que influenciam a construção da sexualidade, as percepções do corpo, das diversidades e como as jovens entendem seus direitos sexuais e reprodutivos.

Tendo em vista que o tema de interesse abrange um campo permeado e construído a partir das representações individuais e coletivas ao longo das vivências, a pesquisa-ação foi eleito como método de pesquisa, pois permite a compreensão, reflexão, identificação e apontamento de possíveis ações para resolução das situações limites discutidas.

De acordo com Thiollent e Colette (2014):

"A ação educacional a ser estudada e estimulada pela pesquisa-ação deve contribuir para transformar processos, mentalidades, habilidades e promover situações de interação entre professores, alunos e membros do meio social circundante. Entre outros aspectos da ação, notam-se: Modificação da visão da realidade e do entorno da vida escolar; Acesso a inovações educacionais; Domínio de diferentes linguagens e técnicas específicas; Superação dos limites das trajetórias ou atuações possíveis, exercendo um efeito de tipo emancipatório; Aquisição ou afirmação de uma postura ética e política; Aperfeiçoamento da percepção estética."

Aparentemente a pesquisa-ação tem origem na abordagem proposta por Kurt Lewin, nos EUA na década de 1940, como 'Action Research' em psicologia social, Thiollent e Colette (2014), foi ele quem possivelmente empregou este termo pela primeira vez, embora uma

"versão alternativa" é a de Deshler e Ewart (1995) que sugerem que a pesquisa-ação foi utilizada pela primeira vez por John Collier para melhorar as relações inter-raciais, em nível comunitário, quando era comissário para Assuntos Indianos, antes e durante a Segunda Guerra Mundial." (TRIPP, 2005).

A pesquisa-ação apresenta diversas abordagens metodológicas, fato que originou várias tendências, que são sistematizadas em Thiollent e Colette (2014), são elas: "Pesquisa-ação clássica, derivada da psicologia social de Kurt Lewin (1946, 1965); Pesquisa-ação educacional, na tradição de L. Stenhouse (1998) e J. Elliott (1990, 1993); Pesquisa participante (de tradição latino americana, com Paulo Freire (1979, 1981) e Carlos R. Brandão (1981); Pesquisa-ação participante (convergência desenhada por Orlando Fals Borda (1984, 1988); Pesquisa-ação cooperativa, na linha de Henri Desroche (2006); Pesquisa-ação integral e sistêmica, elaborada por André Morin (2004); Pesquisa-ação existencial, proposta por René Barbier (2002); Pesquisa-ação e pesquisa participante segundo a concepção de Reason e Bradbury (2001), com experiências em vários contextos sociais, ambientais, comunitários e Pesquisa-ação colaborativa em educação, apresentada por Kenneth M. Zeichner (2008)."

Esta metodologia implica que todas (os) as (os) envolvidas (os) interajam, sejam afetadas (os) e participem ativamente dos processos. Impactando no planejamento e práticas resultantes desta, pois "possibilita aos atores desenvolver e promover hábitos críticos construtivos, tão necessários na gestão e na produção de conhecimentos adequados." (THIOLLENT; COLETTE, 2014)

Na escolha dos métodos que vieram a compor este projeto houve o cuidado de que estes fossem identificados como metodologias ativas, que possibilitam que as (os) jovens sejam protagonistas do processo educativo. MORAN (2013) enfatiza que aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos intimamente, quando eles acham sentido nas atividades que propomos, quando consultamos suas motivações profundas, quando se engajam em projetos em que trazem contribuições, quando há diálogo sobre as atividades e a forma de realizá-las.

As técnicas e propostas metodológicas do processo de ensino e aprendizagem que constituíram as atividades realizadas ao longo deste projeto de extensão tinham como pressuposto fundamental a valorização da autonomia, da fala das (os) envolvidas (os) e a construção coletiva em todas as suas etapas.

A didática Zine utilizada em dois encontros, foi escolhida para trabalhar os temas sexualidade e percepções de si no mundo, uma vez que esta técnica possibilita que as (os) participantes possam se expressar com figuras, palavras e frases prontas e que podem ser manipuladas e reconstruídas de acordo com o que desejam dizer. Melo (2015) lembra que “os fanzines sempre tensionam, criticam e provocam emoções diversas”, trazendo muita criticidade para as produções e discussões motivadas por essas.

Outra técnica que compôs as atividades foi a oficina de "Bonecxs Sexuadx" que foi utilizada para motivar a reflexão sobre corpo e diversidade. Esta atividade é muito lúdica e tem potencial para despertar as mais diversas percepções. A utilização de oficinas no fazer pedagógico “possibilita uma intencionalidade educativa, criadora, não competitiva, coletiva, fazendo com que, mesmo quando a produção é individual, ocorra uma interação constante entre o grupo, uma entreajuda, um fazer grupal” (MENEGHEL et al., 2019).

O desafio é construir formas coletivas de aprendizagem e sistematização desta, levando em consideração o respeito das individualidades e diferentes formas de aprender. Dando sentido e aplicabilidade aos conhecimentos envolvidos uma vez que “é na síntese dinâmica da aprendizagem personalizada e colaborativa que desenvolvemos todo o nosso potencial como pessoas e como grupos sociais, ao enriquecer-nos mutuamente com as múltiplas interfaces do diálogo dentro de cada um, alimentando e alimentados pelos diálogos com os diversos grupos nos quais participamos, com a intensa troca de ideias, sentimentos e competências em múltiplos desafios que a vida nos oferece” (MORAN, 2013).

Todo este processo foi permeado por atividades lúdicas, leitura de cartilhas, oficinas e outras dinâmicas de interação que favoreçam a troca de impressões entre as jovens e que colaborem na sistematização dos conhecimentos e vivências compartilhadas no grupo. Desenvolvendo uma abordagem pedagógica que favoreça o encontro, o pensamento reflexivo, a afetividade, troca de vivências e construção de conhecimentos.

Dinâmica de conhecimento/reconhecimento das (os) envolvidas (os)

Objetivo: Reconhecer a importância de respeitar as singularidades e multiplicidades que permeiam nossas relações.

Duração: 1 hora e 30 minutos

Tema: Nossas singularidades e multiplicidades

Material necessário: Folhas A4 e canetas

O primeiro contato com as (os) jovens é um momento muito delicado, pois implica no estabelecimento de vínculos que irão permear todas as interações. Mostrar a disponibilidade de ouvir e valorizar as suas falas e vivências é fundamental nesta etapa inicial de conhecimento e reconhecimento, dispondo-se ao diálogo. Afirmar firmemente a intenção de que as atividades sejam construídas conjuntamente é muito importante.

Após o reconhecimento inicial das (os) envolvidas (os), distribuir folhas A4 e propor que cada jovem responda, de forma escrita, os seguintes questionamentos:

- O que eu gosto de fazer e faço?
- O que eu gosto de fazer e não faço?
- O que eu não gosto de fazer e não faço?
- O que eu não gosto de fazer e faço?

Deve ser estabelecido um tempo para responder essas questões, é importante que os papéis não sejam identificados. A seguir estes serão dobrados, recolhidos e redistribuídos aleatoriamente entre as (os) participantes, cada um (a) fará a leitura do papel que pegou e o grupo tentará reconhecer quem escreveu. Após a leitura e identificação do (a) autor (a) de todos, cada um (a) indicará com qual relato se identificou mais.

A intenção é estabelecer pontos de contato entre os relatos reforçando a ideia de que embora as (os) envolvidas (os) tenham diferentes trajetórias sempre compartilham alguma coisa, que permite uma aproximação e um reconhecimento. Para finalizar, propor que formem pares com as pessoas que mais se identificaram e busquem saber mais sobre esta. Encerrando esta etapa inicial divulgar os temas que se pretende trabalhar, abrindo para inclusão, retirada ou ampliação dos temas propostos.



Fonte: google imagens

Oficina de Construção de Zines

Objetivo: Identificar os principais fatores que influenciam o desenvolvimento da sexualidade das (os) jovens.

Tema: Percepções de si no mundo e de sua Sexualidade

Duração: 1 hora e 30 minutos

Material necessário: Folhas A3, tesouras, revistas, cola, lápis de cor e canetas hidrocor.

Conversa inicial apresentando o tema a ser trabalhado, instigar as (os) jovens a pensarem em como se percebem no mundo e como essas percepções se manifestam no desenvolvimento de suas sexualidades.

Fazer uma breve apresentação da técnica de construção de Zines, que será usada como facilitadora para abordagem do tema.

A construção de zines apresenta um grande potencial para promover momentos de introspecção, concentração e reflexão, o próprio ato de recortar e buscar por imagens e palavras que expressem suas ideias, sentimentos e percepções do/no mundo favorece esses momentos.

Desafiar as (os) jovens a construir zines que representem como se percebem no “mundo”, fazendo contato com o passado, presente e futuro.

Colocar a disposição alguns zines, previamente construídos, como forma de inspiração. A seguir disponibilizar tesouras, folhas A3, cola, revistas e lápis de cor, para a construção destes.

Pactuar com as (os) participantes um tempo para a construção dos zines, ao final do tempo, cada um (a), incluindo facilitador a), apresentará seu zine contando sobre o que está expresso nele.

Esta oficina foi programada para ocorrer em 1 hora e 30 minutos, porém em sua aplicação percebeu-se que o tempo reservado foi curto. Comprometendo a apresentação dos zines, e a ampla exploração das falas emitidas no grupo sobre suas construções. Estas não foram totalmente esgotadas, porém os próprios zines “em si” já falam muito. Esta técnica foi utilizada em dois encontros, devido ao tempo de interação ser restrito, no segundo encontro optou-se por construir zines somente com palavras. Após uma breve conversa com as jovens propusemos que fizessem uma construção com palavras que as remetesse aos aspectos mais relevantes de suas sexualidade.

Depois de prontos os zines foram compartilhados no grupo e motivaram as falas sobre as percepções de suas sexualidades.



Fonte: Elaborada pela autora

Oficina de Bonecxs sexuadx

Objetivo: Contribuir para que as (os) jovens reforcem sua auto-estima através da tomada de consciência do seu próprio corpo e das mudanças ocorridas na fase da adolescência.

Tema: Percepções e valorização do corpo e diversidades

Duração: 1 hora e 30 minutos

Material necessário: retalhos de tecido, botões, fitas, lã, lantejoulas, retalhos de E.V.A, rendas, tinta guache, pincéis, canetas hidrocores, cola quente, glitter.

Introduzir o tema com as seguintes provocações:

- Como eu vejo o meu corpo?
- Como os outros veem meu corpo?
- Como eu quero o meu corpo?

Possibilitar que as jovens falem livremente sobre as questões propostas. A seguir apresentar a técnica de construção de “bonecxs sexuadx” e propor a construção de bonecas (os) que representam suas percepções e desejos sobre seus corpos, bem como as interações deste com/no mundo.

O corpo da (o) boneca (o) deverá ser levado pronto, devido ao necessário cuidado de não entrar com materiais perfurocortantes no ambiente interno onde estão acolhidas (os) as (os) jovens. Optou-se por não disponibilizar agulhas de costura as estas. É fundamental oferecer corpos nas diversas cores para que estas (es) sintam-se representados e escolham a cor que desejarem. Embora os corpos sejam apresentados praticamente acabados deve existir a possibilidade de acrescentar ou retirar o enchimento tornando-os mais “magros” ou “gordos”, possibilitando a representatividade no processo de construção das (os) bonecas (os).

Colocar, à disposição, materiais diversos para a caracterização das (os) bonecas (os), tais como: botões, fitas, retalhos de tecidos, lã, lantejoulas, retalhos de E.V.A, rendas, tinta guache, pincéis, canetas hidrocores, cola, entre outros.

Cada participante irá construir sua/seu boneca (o) livremente utilizando os materiais colocados à disposição, a construção é livre, se as (os) jovens se sentirem confortáveis solicitar que caracterizem sexualmente suas/seus bonecas (os).

Após a confecção propor que cada participante faça sua rerepresentação através de suas/seus bonecas (os), aqui é importante que a fala seja livre e não tenha a obrigação de corresponder à realidade, pois muitas vezes a caracterização da (o) boneca (o) corresponde a forma como a (o) jovem se percebe ou almeja ser.

Nesta oficina está muito presente o lúdico, durante a sua execução no CASEF pode-se observar as jovens brincando com suas criações e buscando interações umas com as outras durante todo o processo, inclusive emitindo falas por suas bonecas. Foi muito importante observar também a manifestação de seus gostos pessoais na escolha dos tecidos, cores e tipo de vestimentas que produziram para estas. Algumas olharam, talvez pela primeira vez, detalhadamente para seus corpos para poderem reproduzir em suas bonecas.



Fonte: Elaborada pela autora

É meu direito: aprendendo juntos



Objetivo: Refletir sobre percepções do direito sexual e reprodutivo entre jovens.

Tema: Direito sexual e reprodutivo

Duração: 1 hora e 30 minutos

Material necessário: cartões com situações diversas.

No início desta oficina deverão ser apresentado os conceitos de saúde sexual e saúde reprodutiva. A seguir distribuir para cada jovem uma situação para que leiam para o restante do grupo. Após a leitura de cada situação debater com o grupo quais os direitos sexuais e/ou reprodutivos envolvidos em cada uma delas e formas de garantir o alcance deste direito no dia-a-dia.

SITUAÇÃO I

Fabiana e João Vitor procuram o serviço de saúde muito angustiados, pois no dia anterior, durante a relação sexual, a camisinha rompeu-se. O profissional, que os atendeu, explicou que nada podia ser feito, que torçam para que não ocorra uma gravidez. Orienta que Fabiana procure a unidade de saúde caso a menstruação atrase.

SITUAÇÃO II

Cláudia é uma adolescente de 15 anos, ela está cursando o nono ano em uma escola próxima de sua casa. Como está com notas muito baixas em matemática, procurou seu professor para pedir atividades extras para ficar melhor preparada para a prova. Como estavam sozinhos na biblioteca da escola ele toca no seu corpo e a beija, dizendo que pode ajudá-la. Ela fica apavorada e não sabe o que fazer.

SITUAÇÃO III

Uma jovem de 14 anos vai até a unidade de saúde, para buscar maiores informações sobre as formas de contracepção. Ela tem intenção de manter relações sexuais em breve. Para seu espanto ela não é acolhida pelo profissional da unidade de saúde, que a recriminou por estar fazendo isto sem o consentimento dos seus responsáveis e se nega a dar prosseguimento ao seu atendimento.

SITUAÇÃO IV

Adriana e Leonardo namoram há três, eles têm relações sexuais sem camisinha, pois ela usa pílulas contraceptivas e Leonardo afirma que não tem envolvimento com outras pessoas. Recentemente ele ficou sabendo que sua ex-namorada está infectada pelo vírus HIV.

SITUAÇÃO V

Mariana procurou a ginecologista da sua Unidade de saúde para uma consulta. Ela declara que é lésbica e que nunca teve relações sexuais com homens. A médica diz que não há a necessidade de realizar nenhum acompanhamento, pois não tem relações com homens e não ficará grávida.



ATENÇÃO: Esta oficina pode gerar gatilhos sobre acontecimentos dolorosos para as(os) jovens, portanto é essencial manter-se atento(a) para a manifestação de possíveis desconfortos e preservar o direito da negativa de manifestar-se e/ou não participar destas(es).

Falando através da música

Objetivo: Refletir sobre os aspectos sociais implicados na construção do feminino e do masculino.

Tema: Gênero

Duração: 1 hora e 30 minutos

Material necessário: cartões com letras das músicas e quadro branco

Solicitar com antecedência que as (os) jovens façam a sugestão de músicas que expressam a forma como a feminilidade e a masculinidade são abordados socialmente. Providenciar a letra dessas músicas e trazer para o dia da oficina.

Realizar a leitura das letras das músicas e conversar sobre as mensagens que elas transmitem. Refletir sobre como a mídia reforça os estereótipos socialmente aceitos e, de certa forma imposta, na formação dos gêneros masculinos e femininos. Apontar nas letras das músicas as expressões e trechos que reforçam ou quebram com estes estereótipos.

A seguir desafie-as(os) a pensar as seguintes questões:

- Como ocorreu a sua construção como menino ou menina?
- Quais fatores foram importantes nesta construção?
- Você avalia que sofreu influência das mídias nesta construção?

Para finalizar elaborar coletivamente uma lista de comportamentos que são esperados de meninos e de meninas, registrar no quadro da sala de aula, após a elaboração desta listagem pedir para que avaliem se esses comportamentos são exclusivos para cada um dos gêneros ou podem ser compartilhados por ambos.



DIÁLOGOS QUE NÃO SE ENCERRAM

A execução dessa pesquisa-ação propiciou o desenvolvimento desta cartilha e foi fundamental para conhecer o ambiente educativo e social que essas (es) jovens estão imersas (os). Apesar das leituras e conversas anteriores, ao primeiro encontro com as jovens, nada nos preparou para esta primeira interação sendo que os percursos precisaram ser ajustados frequentemente.

A mediação de uma professora regular da turma foi essencial para fazer a aproximação com a turma e com o ambiente do Centro socioeducativo, possibilitando um fluxo mais espontâneo das falas e integração no/com o grupo. A presença do professor orientador do projeto causou inibições nas jovens, que ficaram mais retraídas nos encontros em que ele estava presente, o que nos levou a ponderar sobre a validade da presença de uma pessoa do sexo masculino durante as atividades. Na ausência deste o grupo se mostrou mais desinibido, falante e fazendo muitos questionamentos.

A constituição das turmas é muito dinâmica, pois são constantes as partidas e chegadas das (os) jovens no Centro Socioeducativo, uma realidade que nos fez perceber que as oficinas precisavam ser iniciadas e concluídas no mesmo dia, pois talvez no próximo encontro já não pudéssemos contar com as (os) mesmas (os) jovens. Somado a este fator nos deparamos também com as adversidades que compõem um serviço desta natureza, que acabaram por impor alguns entraves na execução das atividades, conforme o planejado. Entre estas adversidades podemos apontar: o atrelamento das aulas aos horários de refeições, visitas, entre outros que algumas vezes, por fatores diversos, atrasam e como consequência reduzem o período de aula; a falta de funcionários (as), principalmente monitores (as), que algumas vezes acaba impondo o cancelamento das aulas por motivo de segurança das (os) jovens e professores (as), entre outros.

Percebemos o quanto é fundamental respeitar e valorizar os silêncios como forma de expressão e que o “não dito” pode estar carregado de significância. Apesar da necessidade de constantes ajustes no planejamento foi possível acessar estas jovens e desenvolver as oficinas propostas de forma bastante positiva, possibilitando conhecer os fatores que influenciam a construção da sexualidade, as percepções do corpo e das diversidades e como as jovens em conflito com a lei entendem seus direitos sexuais e reprodutivos. Esta cartilha pretende apontar caminhos para o acolhimento das demandas em saúde das (os) jovens em conflito com a lei, através de caminhos singulares, criativos e autônomos.



Fonte: Google imagens

MATERIAL DE APOIO

BRASIL. Lei Ordinária nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm>. Acesso em: 10 out. 2019.

BRASIL. Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Cívicos. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase), regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescente que pratique ato infracional; e altera as Leis nºs 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente); 7.560, de 19 de dezembro de 1986, 7.998, de 11 de janeiro de 1990, 5.537, de 21 de novembro de 1968, 8.315, de 23 de dezembro de 1991, 8.706, de 14 de setembro de 1993, os Decretos-Leis nºs 4.048, de 22 de janeiro de 1942, 8.621, de 10 de janeiro de 1946, e a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12594.htm> Acesso em: 24 out. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Marco legal: saúde, um direito de adolescentes / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites virais. Adolescentes e jovens para a educação entre pares: sexualidades e saúde reprodutiva/Ministério de Saúde. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2011.

CAMPOS, Helena Maria et al. Direitos humanos, cidadania sexual e promoção de saúde: diálogos de saberes entre pesquisadores e adolescentes. 2017. Saúde Debate. Rio de Janeiro, vol. 41, nº. 113, P. 658-669, Abr-Jun 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/sdeb/2017.v41n113/658-669/pt>>. Acesso em: 15 set. 2019.

DUARTE, Rachel. Especial Fase (IV): A realidade feminina da Fase não é cor de rosa. Sul 21. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/noticias/2011/06/especial-fase-iv-a-realidade-feminina-da-fase-nao-e-nada-cor-de-rosa/>>. Acesso em: 18 maio 2019.

FERREIRA, Márcia de Assunção et al. Saberes de adolescentes: estilo de vida e cuidado à saúde. 2007. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2007 Abr-Jun; 16(2): 217-24.. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v16n2/a02v16n2>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 129 p.

LIMA, Fernanda Cristina Aguiar et al. A experiência e atitudes de adolescentes frente à sexualidade. 2013. O Mundo da Saúde. São Paulo, 37(4):385-393, 2013.. Disponível em: <http://bvsm.sau.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/experiencia_atitudes_adolescentes_frente_sexualidade.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2019.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado - Pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 176 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1230/Guacira-Lopes-Louro-O-Corpo-Educado-pdf-rev.pdf?sequence=1&fbclid=IwAR3dDaDVZWi8lpQmQC7MTqvlvC_5zEAUzO5nl4sjCKnD8JfOSXf5uRowOpA>. Acesso em: 23 jun. 2019.

MATTAR, Laura Davis. Exercício da sexualidade por adolescentes em ambientes de privação de liberdade. 2008. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, vol.38, nº.133 Jan./Apr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742008000100004>. Acesso em: 17 ago. 2019.

MELO, Camila Olivia de (Org.). Didática Zine: Um fanzine sobre gênero e sexualidade para diferentes caminhos metodológicos. 2015. UFPR, Litoral/Matinhos/Curitiba - PR, 2015. Disponível em: <<http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/03/DidaticaZine2015.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

MENEGHEL, Stela Nazareth; DANILEVICZ, Vatsi Meneghel; FONSECA, Evirlene de Souza. Oficina de bonecxs sexuadx - um relato de experiência. 2019. Interface (Botucatu). 2019; 23: e170892. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/Interface.170892>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf>. Acesso em: 27 out. 2019.

RIO GRANDE DO SUL. FASE. disponível em: <<http://www.fase.rs.gov.br/wp/idades/>>. Acesso em: 18 mar. 2019

THIOLLENT, Michel Jean Marie; COLETTE, Maria Madalena. Pesquisa-ação, formação de professores e diversidade. 2014. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, vol. 36, núm. 2, julio-diciembre, 2014, pp. 207-216 Universidade Estadual de Maringá. Maringá.. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3073/307332697009.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. 2005. Educação e Pesquisa. 2005. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2019.

UZIEL, Anna Paula; BERZINS, Felix Augusto Jacobson. Adolescências, autonomia e direitos sexuais: fragmentos de histórias de meninas abrigadas. disponível em : <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652012000100008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 13 set. 2019.



Fonte: elaborada pela autora

Este material foi desenvolvido como produto do TCC II do curso de Bacharelado em Saúde Coletiva da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) da aluna Eliza da Costa Guandet, sob a orientação do Professor Daniel Canavese.

A foto da capa e outras que compõem esta cartilha são de materiais confeccionados pelas jovens, durante a realização das oficinas. Manifestamos nosso agradecimento a estas jovens pela disponibilidade em participarem deste projeto, compartilhando suas vivências e conhecimentos. Colaborando de forma ativa na construção, compartilhamento e sistematização de conhecimentos.



Revisado em 12/12/2019 por: Professor Alexandre Rossi/UFRGS e Professora Stella Nazareth Meneghel/UFRGS

